
RESENHAS DE TRADUÇÃO/
TRANSLATED REVIEWS

Assis, Machado de. *Ressurrection by Machado de Assis*. Trad. Karen Sherwood Sotelino. Pittsburgh: Latin American Literary Review Press, 2013. 162 p.

Cynthia Beatrice Costa
Universidade Federal de Santa Catarina

Luana Ferreira de Freitas
Universidade Federal do Ceará

O primeiro romance publicado por Machado de Assis, em 1872, foi o último de seus romances a ser traduzido para a língua inglesa. Pouco mais de 60 anos após a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* por William Grossman, a tradução que inaugurou os romances machadianos no mundo anglófono, em 2013 a editora estadunidense Latin American Literary Review Press recebeu apoio financeiro do governo do estado da Pensilvânia para lançar a tradução de *Ressurreição* realizada por Karen Sherwood Sotelino, professora de língua portuguesa na Universidade de Stanford.

Já em uma primeira inspeção, antes mesmo da leitura, notam-se indicações de que o livro é resultado de uma produção conjunta de estudiosos de literatura brasileira e áreas afins. A atenção à visibilidade da tradutora e do ato da tradução é notória. O nome da tradutora aparece claramente destacado na capa; na quarta capa, há uma breve biografia de Machado de Assis, apresentando-o como um dos mais inovadores escritores da América Latina e lembrando os romances de sua autoria considerados obras-primas da literatura, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*.



Ainda na quarta capa, há três comentários elogiosos com relação ao lançamento dessa nova tradução e ao próprio romance machadiano, assinados por John Gledson, Milton M. Azevedo e Roberto Schwarz. Os dois primeiros são estudiosos de literatura brasileira baseados em países de língua inglesa (Inglaterra e Estados Unidos, respectivamente). Schwarz é um dos críticos machadianos mais reconhecidos do Brasil. Uma introdução foi escrita por José Luiz Passos, professor de literatura brasileira na Universidade da Califórnia. Na última página, lê-se um breve currículo da tradutora.

A presença do nome do escritor brasileiro no título – *Ressurrection by Machado de Assis* – pode ser indicativa da vantagem de se associar a obra a um nome literário já consolidado entre acadêmicos anglófonos interessados no Brasil, em sua literatura e na língua portuguesa. Machado de Assis não é um nome conhecido entre o público leigo de língua inglesa, mas tem relevância clara nos meios acadêmicos, em particular estadunidenses – apenas nos últimos dois anos, seis novos livros de Machado de Assis (coletâneas de contos, além de *Ressurrection*) foram publicados nos Estados Unidos por editoras independentes e/ou de universidades. *Ressurrection by Machado de Assis* parece se tratar, portanto, de um livro feito por acadêmicos e dirigido, sobretudo, a outros acadêmicos.

Ainda antes da leitura, de especial interesse é a observação da ilustração escolhida para a capa. Trata-se da pintura *Arrufos*, obra do mineiro Belmiro de Almeida (1858-1935) de 1887, que retrata uma cena doméstica burguesa: um homem bem vestido, sentado e fumando, com uma expressão séria, quiçá amarga, estampada no rosto; a meio passo de distância, uma mulher belamente trajada em um vestido de seda claro está ajoelhada no tapete e debruçada sobre o divã, rosto recostado sobre as mãos – sinal de choro e desespero. O título *Arrufos* indica se tratar, evidentemente, de uma querela conjugal. Há quem vá além, porém, e atribua ao quadro o tema do adultério. Não é incomum relacionar *Arrufos* a *Retour du Bal*, do francês Henri Gervex, pintado em 1879 e composto por elementos

similares: cavalheiro sentado, dama luxuosamente vestida debruçada em prantos, flores no chão.

A opção por esse quadro para a capa é sensível, pois conversa com todo o universo machadiano. Embora tenha sido realizado 15 anos após a publicação de *Ressurreição*, pode-se dizer que a pintura e a obra machadiana pertencem ao mesmo contexto. A traição da esposa burguesa – supondo-se que a mulher inconsolável do quadro fora acusada de traição, daí seu desespero – apareceu com frequência em romances do século XIX. Em diálogo com escritores europeus, principalmente franceses, Machado não fugiu a essa moda, ao contrário, abraçou-a. Assim como Belmiro de Almeida espelhou a arte de Gervex e de outros de seu tempo pintando a intimidade burguesa, Machado o fez na literatura, seguindo a trilha de Flaubert, com seu *Madame Bovary* (1856), e de Zola, com *Thérèse Raquin* (1867) – ambos os romances abordam o adultério feminino.

Possíveis traições femininas marcariam, mais tarde, os três romances machadianos considerados como os de maior relevância de sua carreira. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), o personagem-título e Virgília são amantes. Sofia conquista Rubião em *Quincas Borba* (1891). Por fim, Bento Santiago acredita ter sido traído pela mulher, Capitu, em *Dom Casmurro* (1899) – este último um estudo mais maduro e bem elaborado da desconfiança masculina já plantada quase três décadas antes em *Ressurreição*. A dificuldade de Félix, protagonista desse primeiro romance, de aceitar a inocência de sua amada Lívia reaparece agravada e sofisticada na figura de Bento Santiago, o amargo protagonista-narrador da que é, em geral, considerada a obra psicologicamente mais complexa de Machado.

Por meio da ilustração da capa e dos comentários da quarta capa, *Ressurrection by Machado de Assis*, assim, já se apresenta ao leitor de maneira contextualizada no tempo, no espaço e na produção machadiana. A introdução de José Luiz Passos, cuja tradução para

o inglês é devidamente creditada a Kevin G. McDonald, colabora para situar o romance. Começa apresentando detalhes históricos relacionados à obra, como o contrato assinado por Machado com a editora Garnier em 1869 para publicar um gênero até então não praticado por ele – o romance. Dois anos e meio depois seria lançado *Ressurreição*, que trouxe de novidade para o Brasil, em meio ao cenário literário romântico da época, uma história que dribla os arrebatamentos exagerados característicos do gênero. Passos defende que a inovação machadiana, aqui, teria sido a de narrar um enredo romântico, mas infundido por “verossimilhança moral por meio da introspecção” (p. 10). O estudioso passa, então, a uma análise mais detida do texto, aproximando-o de referências shakespearianas e identificando nele a ironia que mais tarde se tornaria uma das marcas da narrativa machadiana.

Após a introdução, o volume traz, na ordem em que são publicados em edições brasileiras, os dois prefácios, de 1872 e 1905, que Machado escreveu para esse seu primeiro romance.

A respeito da ficção em si, pode-se afirmar que a tradução de Karen Sherwood Sotelino é particularmente diligente: o texto foi traduzido de forma integral, sem modificações com relação à paragrafação e aos diálogos. A pontuação é alterada com frequência, com a maioria dos pontos e vírgulas substituídos por vírgulas e pontos finais, mas não de modo a mudar significativamente o ritmo. No cuidado em manter as expressões em francês (“*mon vieux*”, “*enfant terrible*” etc.), os nomes próprios tal qual grafados no texto de partida e mesmo as formas de tratamento, tais como senhor, senhora e dona (que aparecem em itálico para destacar o estrangeirismo), nota-se uma maneira de traduzir aberta à cultura de origem, preocupada em lhe reter alguns traços essenciais.

Exemplo desse cuidado é a diferenciação entre *Doutor* e *Doctor* na tradução, o primeiro usado como forma de tratamento para designar homens importantes – como os personagens Batista e Meneses

– e o segundo para identificar a real profissão de Félix, o protagonista do romance, que é médico de formação.

Sotelino, porém, não escapa às dificuldades rotineiras da tradução de Machado para o inglês. A mais evidente – e mais comentada por tradutores machadianos – diz respeito à concisão. Capaz de insinuar muito em poucas palavras, o autor brasileiro complica a tarefa do tradutor anglófono, que não encontra recursos suficientes para expressar o mesmo efeito em frases sintéticas e sugestivas. Na página 89 da tradução, vê-se um exemplo disso: “Félix made a gesture of annoyance. The young woman gathered her dress, allowing space for him to join her on the sofá, where he sat at her side” corresponde a “Félix fez um gesto de despeito. A moça arredou o vestido e abriu espaço no sofá, onde o médico se sentou a um sinal dela”. Foram usadas em inglês três palavras a mais e um aposto para clarificar a cena, que, ainda assim, acaba modificada – Félix se senta ao lado de Lívia “a um sinal dela”, obedecendo-lhe, portanto; em inglês, essa sutileza se perde.

São muitos e mais frequentes os momentos, no entanto, em que Sotelino parece encontrar soluções criativas e até mesmo admiráveis, como no caso da carta em que Félix termina o relacionamento com Lívia, no capítulo XXI:

Lívia.

What I'm going to do lacks dignity, I know that. It's even more cruel than undignified. Our marriage is irrevocably impossible. You are neither directly or indirectly responsible for my decision. This letter, my condemnation, will be your ultimate defense. Farewell.
Félix.

Lívia

O que vou fazer é indigno, bem o sei; mas é ainda mais cruel do que indigno. O nosso casamento é fatalmente im-

possível. Não tens nenhuma culpa direta nem indireta na minha resolução. Esta carta, que me condena, será a tua cabal defesa. Adeus.
Félix.

Mantendo o tom ríspido e resoluto necessário ao clímax do romance, a carta de Félix é quase tão lacônica em inglês quanto o é em português, o que pode ser considerado um desafio bem-sucedido na tradução.

Outro exemplo que ilustra a dedicação da tradutora para com a manutenção da forma e do sentido é o fechamento. “Não a há de alcançar nunca, porque o seu coração, se ressurgiu por alguns dias, esqueceu na sepultura o sentimento da confiança e a memória das ilusões”, foi traduzido como “He will never reach it, even if his heart was once briefly resurrected; it has left behind, inside the grave, the sensation of trust and the memory of illusions”. A última frase do romance recebe um incremento bem-vindo ao utilizar o verbo “resurrect” (ressuscitar) no lugar do “ressurgir” machadiano – uma referência, assim, ao título da obra.

O sentido e o estilo de *Ressurreição*, suas ironias e seus sentimentalismos, não parecem ter sido alterados pela tradução de Sotelino de modo a prejudicar a sua leitura. Pelo contrário: a experiência com o romance inaugural de Machado, que nem sempre recebe a merecida atenção, pode ser prazerosa em língua inglesa como o é na portuguesa. Está nesse livro a semente das grandes obras produzidas nas décadas seguintes, denunciando o esforço de Machado de aperfeiçoar as técnicas narrativas e aprofundar temas, tais como o ciúme e o ceticismo amoroso.

Recebido em: 07/07/2015

Aceito em: 06/09/2015